

(Palestra proferida pelo Dr. Faris A.S. Michael, através da Rádio Clube Pontagrossense, no dia 29 de julho de 1956)

Neste dia inesquecível, em que se comemora mais um aniversário da Morte do Marechal de Ferro, é com a maior das satisfações que aqui vos venho dirigir a palavra, a convite do Ilustre Comando da Guarnição Federal de Ponta Grossa.

Digo a maior das satisfações, porque, incumbindo a um civil semelhante tarefa, mormente em se tratando de um presidente de centro cultural em que se irmanam civis e militares, mais à vontade poderá a memória do grande brasileiro ser cultuada, para exemplo das novas gerações.

Com efeito, ninguém mais insuspeito para falar que o bacharel, num caso como o presente, em que a figura do incomparável soldado continuava a ser das mais discutidas.

Daí, a necessidade de tentarmos pôr a questão nos devidos termos, ainda que sucintamente, dado o exíguo do tempo que se nos reservou.

Quem quer que emprenda estudar a personalidade do Marechal de Ferro, deverá, antes de tudo, ter em mente as várias facetas que a mesma apresenta, bem como os fatores diversos, relacionados com o espaço e o tempo, além de material biobibliográfico já existente, nem sempre competentemente compulsado.

Assim, primeiramente, trataremos dos elementos que chamaríamos etno-telúricos, já vislumbrados por alguns biógrafos de procedência sócio-antropológica.

Noutros termos, Floriano seria um autêntico representante do verdadeiro brasileiro, ou seja, o autóctone brasiliíndio, já em fusão com o lusitano, donde o caboclo ou mameluco. Essa particularidade de muito o recomendaria à estima e entusiasmo das nossas massas nordestinas e sertanejas em geral, para não citarmos as classes mais letradas, do litoral e zonas circunvizinhas.

"Pela perfeita impassibilidade, diz José Maria Belo, como por outras virtudes e defeitos, lembra Benito Juárez, vindo da mesma origem ameríndia. Quebrado o verniz da sua vida, mal adaptado a modelos exóticos, o Brasil primitivo encontraria perfeita correspondência com a fria, astuciosa e indomável psique do seu herói caboclo. Assim, pôde ser por muito tempo, e ainda hoje, um símbolo da nação autêntica dos sertões imensos e brutos contra a nação artificial das cidades, que o Império alimentara e os bacharéis e jornalistas do Governo Provisório supunham intangível..."

Outro grande estudioso da nossa formação, Gilberto Freyre, também procura pôr em evidência o papel importante que a identidade de traços físicos exerce sobre a multidão mestiça. De qualquer jeito, afirma o mestre afronegrista, a massa tende a recuperar o que o herói ou o indivíduo de gênio de certo modo lhe usurpa, exagerando os traços de semelhança e os pontos de contato entre os dois, massa e herói: os traços caboclos de Floriano ou de Carlos Gomes."

Realmente, a figura do herói ou do homem de gênio é sempre esculpida à imagem e semelhança do povo em que floresce, principalmente se ainda falho de consciência racial, como é o caso do nosso. É por isso que todos amam e admiram os verdadeiros mamelucos, como Euclides da Cunha, Feijó, Pedro Américo, Carlos Gomes, Plácido de Castro, Jerônimo de Albuquerque e tantos outros, que se notabilizaram nos vários setores da atividade humana.

Além da explicação etno-telúrica, existe ainda o coeficiente que denominaríamos moral-carismático ou do caráter, mais diretamente ligado à família, no sentido tradicionalmente brasileiro. É aí que se vão espelhar os chefes de numerosa próle os patriarcas austéros e taciturnos, enfim, os que ainda prezam a tradição profundamente sadia, conquanto também amantes do progresso. É igualmente aí que se nos depara a proverbial honestidade do caboclo, daquele ser que nunca se deixava peitar, e que nunca, os apressados sociólogos de gabinete, alcançaram focalizar em sua genuína filosofia da vida, donde a detração soez. Honestidade e hospitalidade, em que pese à carência de gêneros

alimentícios. Inatamente despido de ambições, o nosso sertanejo tem, no entanto, sempre o suficiente para matar a fome de muito viajor malgrado, como tem, também, a energia necessária para desbravar as matas e estender os limites do Brasil, como o fez durante o ciclo das bandeiras e no Extremo Norte, ao desvassar a Amazônia.

Pois, Floriano foi sumamente decente, honesto e acolhedor, como o comprova o entusiasmo e adoração dos estudantes, tanto civis como militares.

Contam-se às dezenas os jovens recém-formados que ele procurou encaminhar, olhando, acima de tudo, a competência e seriedade.

Foi, precisamente aí, que os seus adversários tentaram desmoralizá-lo, como chefe de estado, mais propenso ao egoísmo do mando do que à justiça serena das nomeações para provimentos de cargos. Trata-se, dizem eles, ou de instituir uma ditadura nos moldes da Doutrina Positivista de Augusto Comte, com a cumplicidade dos jovens diplomados, ou, então, ainda para fortalecer-se, de zombar da própria organização judiciária, como no caso dos militares e, mesmo, médicos, que ingressaram no Supremo Tribunal Federal.

Nestas como noutras coisas, percebia-se a astúcia invencível do estadista que já se habituara aos mesmos processos desmoralizantes de que se utilizavam os corrompidos políticos da época, para que ele pudesse defender-se, defendendo o regime que periclitava.

E se as finanças, o câmbio, a própria economia, atravessam dias de muita incerteza e retraimento, não se deve atribuir a existência do mal apenas ao seu governo, porque, como todos sabem, a fase era de franca transição, do braço do escravo para a máquina; do senhor de engenho para o fazendeiro e estancieiro; do regime monárquico, ligado aos processos milenares da servidão humana, para o republicano, imbuido do ideal da liberdade, igualdade e fraternidade.

Os campos se despovoavam; as fazendas se depreciavam, dado o afluxo de negros libertos para as cidades do litoral, em suma, a própria estrutura econômica do Brasil era abalada nos fundamentos. Cumpria promover a substituição do africano pelo colono europeu, mais civilizado e mais acostumado com o trabalho livre.

Mas, como acelerar essa substituição, se os próprios políticos profissionais e seus estimuladores das diversas classes de potentados, não davam um minuto de sossego sequer ao governo de Floriano?

A princípio, pretextavam a reposição de Deodoro, o velho cabo de guerra que definhava a olhos vistos; mais tarde, surge a verdade sem reboços: a replantação do regime monárquico, aquela excrescência no organismo da América, aquele tão decantado paternalismo dos tempos do direito natural, e que muitos acreditavam ligado à própria sorte do Brasil.

E Floriano, apesar dessa visível má-fé e do verdadeiro caos que os boatos geravam por toda parte, sempre impassível, duma impassibilidade irritante, a tal ponto que continuava a controlar, soberanamente, a situação, mostrando sempre mais espírito jurídico que muito bacharel-presidente que veio depois dele.

Sempre aplaudido pela mocidade estudantil e companheiros republicanos, ele, conquanto o qualificassem de eterno desconfiado, como todos os da sua raça cabocla, jamais se esqueceu dos amigos e pessoas que estimava e admirava.

Para sintetizarmos, o próprio Euclides da Cunha, nosso imortal patrono, foi por ele contemplado com a governança de um Estado, embora, em virtude da sua índole esquiua, não aceitasse a prova de admiração de seu irmão caboclo, mais tarde, por ele, em imorredouras páginas, apontado como a "Esfinge".

Outro coeficiente igualmente notável é o da coragem, que ele demonstrou na Guerra do Paraguai, onde tomou trincheiras a baioneta, bem como no episódio da Revolta da Esquadra, em que adiantou aos europeus que os receberia à bala.

Outro caso interessante é o ocorrido com o Visconde de Ouro Preto, que é assim relatado pelo Sr. Sívio Peixoto, em

seu livro sobre Floriano: "O Chefe de Gabinete, visconde de Ouro Preto, não tinha temperamento para capitular facilmente. Enérgico, sem demonstrar o menor abatimento ou receio, sugeria providências. A atenção geral, entretanto, era voltada, não para ele, mas, "sobre alguém que a um lado, deslealmente vestido de uma sobrecasa militar folgada, cingida de um talim frouxo de onde pendia tristemente uma espada, olhava para tudo aquilo com uma serenidade imperturbável" — era Floriano. Para este se dirigiu então o visconde Ouro Preto, incentivando-o a repetir com as forças comandadas pelo Marechal Deodoro a mesma bravura que demonstrou no Paraguai, onde tomava ao inimigo bocas de fogo à baioneta. "As bocas de fogo do Paraguai — replicou o mfirmenza Floriano — eram inimigas. Aquelas que ali estão — e apontou por uma janela — são brasileiras! Fique V. Excia. sabendo que estas estrelas, que trago nos punhos, foram ganhas nos campos de batalha, e por serviços prestados à Nação, e não a Ministros". As últimas palavras do ajudante general cavaram um sulco profundo na testa do chefe do último Ministério da monarquia".

Em meio à agitação, sofraguidão e desespêro, a sua fibra de mameluco das Alagoas soube arrancar aplausos incondicionais, até mesmo de estrangeiros, como na célebre visita do Embaixador da Espanha. E que dizer da indiferença com que enfrentava as balas dos marujos em revolta? Estes e inúmeros outros casos vêm patentear-nos, de maneira irretorquível, que o involidável algoano foi um como provincial agente de preservação da Pátria, como outrora, outro caboclo, Diogo Feijó, já o havia sido, em relação à monarquia.

Vamos, agora, ao setor político-militar, em que se exerceram, mais cruentas e injustificáveis, as intrigas e maledicências dos adversários.

Desde logo, para confusão dos catões de todos os tempos e depositários únicos da verdade, ressalta, grandioso, o seu amor à legalidade, à preservação do Congresso, à própria organização sócio-jurídica, nem sempre bem servida pelos magistrados e membros do Congresso de então. E se, alguma vez, teve de intervir, de maneira direta, não o fez senão para acabar com a corrupção, as negociações, os profissionais da intriga e da calúnia, enfim, os eternos inconformados, iconoclastas da pior espécie. Numa fase de transição, como já dissemos, os saudosistas e derrotistas filauciosos teimavam ainda em agarrar-se a caducas fórmulas e superados regimes. Não compreendiam que se vivia a época da ciência, da máquina, da política econômica em que imperava o trabalho livre e onde se acabava o privilégio de nascença, e iguais oportunidades se iriam apresentar a todos.

Acresce estar o país, então, atravessando crises tremendas de ordem econômica e financeira, para não falarmos na social e educacional, produto todas, quase que exclusivamente, da brusca libertação dos escravos e impatriótica resistência dos aristocratas, latifundiários e, em parte, de certos elementos das classes armadas, mais diretamente ligados à Marinha.

Não admira, assim, que se procurasse denegrir a figura de Floriano, apontando-o como improvisador, enigmático, iletrado e, até mesmo, sanguinário.

Num país como o nosso, verdadeiro continente, quando ainda mal contávamos com estradas, telégrafos e população de densidade ao menos razoável, constitui inegável milagre a obra que ele realizou.

Para esclarecer, de vez, certos pontos do seu governo, bastam as palavras de um jornalista insuspeito, Alcindo Guanabara: "Sem nenhuma questão, o marechal Floriano é essencialmente um militar, dominado do espírito militar, apaixonado pela classe militar. O seu governo seria sempre um reflexo dessa tendência de seu espírito; mas, dada a sua serenidade, poderia ter sido — e naturalmente seria — muito menos acentuada do que foi, se o fato de se achar sempre ameaçado, não o houvesse colocado na contingência de preparar os elementos de defesa. Porque — verão quando serenarem as paixões — o serviço que ele prestou de haver resistido à revolução e de manter-se no posto

em que a lei o colocou, foi o maior que se podia prestar a nossa pátria, ameaçada de se engolfar no abismo da caudilhaagem. E essa intenção foi sempre a sua. Não há homem político que lhe não tenha ouvido dizer um ror de vezes, desde muito tempo:

— Desta Cadeira, só duas forças são capazes de me arrancar: a lei ou a morte".

E essa veneração sincera pela lei, diremos nós outros, vem demonstrar uma compreensão e comunhão com o meio ambiente, que raramente nos é dado vislumbrar mesmo nos juristas da época, tão divorciados andavam das coisas do Brasil Interior. Exemplo clássico é o de Rui Barbosa, que, com toda a sua enorme erudição e talento, nem sequer foi capaz de produzir algo original em matéria de constituição, porquanto, para cá, transplantou as linhas mestras da lei suprema dos Estados Unidos, perdendo-se, apenas, em certos pormenores de importância secundária. É que as elites, então, se envergonhavam das nossas origens espúrias, porque ainda se não haviam acostumado ao critério objetivo das ciências sócio-antropológicas.

Rematemos esta pequena palestra com a fé de ofício de Floriano Peixoto. Registrada ela algo incomum entre nós, tão numerosos os serviços que lhe ficou devendo o Brasil, para tão curta existência, entrecortada toda de ocorrências adversas, já no seio da família, já em relação à sua saúde, precária porém paradoxal, se comparada com a sua fortaleza de ânimo.

Vamos aí encontrar a sua inquebrantável impassibilidade gerando proezas como: patriota, nos campos do Paraguai; moralizador do ensino, em Maceió; libertador de escravos, no Ceará e Pernambuco; presidente incansável, em Mato Grosso, onde estimula a indústria extrativa, principalmente o mate; e, finalmente, o cargo de Vice-Presidente da República, em que perpetua o seu nome como o Salvador da República.

Gloria, pois, a Floriano Peixoto, o involidável Marechal de Ferro, símbolo da raça e do caráter genuinamente brasileiro.